

Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial  
Associado à Fundação Armando Álvares Penteado  
Rua Ceará 2•São Paulo, Brasil 01243-010  
Telefones (5511) 3824-9633/Fax 3825-2637/ngall@braudel.org.br / www.braudel.org.br

***A think tank and a do tank***



Fatos e pensamentos sobre Joseph Schumpeter (1983)

Norman Gall

Tradução: Aline Vieira e Lindemberg Vidal

*Vasculhando uma estante em Julho de 2003 em relação a outro projeto, encontrei esse manuscrito inédito sobre o grande economista Joseph Schumpeter [1883-1950] que eu escrevi às pressas há 36 anos a pedido do editor da revista Forbes, que me tirou duma reportagem sobre a crise do calote do México em 1982 para “produzir alguma coisa” sobre o centenário de Schumpeter, reconhecendo ele como o maior economista do Século XX. Algumas dessas reflexões foram baseadas em conversas maravilhosas com o economista britânico Redvers Opie, amigo de Schumpeter e tradutor de Teoria do Desenvolvimento Econômico, que morreu no ano seguinte, aos 82 anos, enquanto jogava tênis, que eu considero uma maneira feliz de partir.*

1. **Atividade bancária temerária:** Em sua grande obra *Ciclos Econômicos* (1939), Schumpeter definiu capitalismo como “a forma de economia de propriedade privada na qual inovações são realizadas por meio de dinheiro emprestado que, de maneira geral, embora não por necessidade lógica, implica na geração de crédito”. No século XIX, o financiamento das inovações por meio da geração de crédito levou ao que Schumpeter chamava de *reckless banking* [atividade bancária temerária], na qual “bancos cumpriam sua função às vezes de forma desonesta e até mesmo criminosa, mas cumpriam uma função que pode ser distinguida de sua desonestidade e criminalidade”. Em outras palavras, embora os devedores ficassem inadimplentes e os investidores às vezes fossem fraudados, essas perdas tinham menor importância quando comparadas à construção de ferrovias e canais, portos e elevadores de grãos, siderúrgicas e infraestrutura urbana, tudo isso financiado pela “atividade bancária temerária” do século XIX. O que Schumpeter diria sobre essas perdas na atual onda de inadimplência? Quais bons resultados essas perdas deixariam? Como a expansão de crédito sem precedentes dos anos de 1970 afetaria a definição de Schumpeter sobre o capitalismo e sobre a teoria dos ciclos econômicos? Em *Ciclos Econômicos*, Schumpeter afirma que “o empréstimo para o consumo é um dos perigos mais notáveis no fenômeno secundário da prosperidade, e as dívidas dos consumidores estão entre os pontos fracos mais evidentes na recessão e na depressão”. Nos dias de hoje, essa definição de empréstimos para o consumo também incluiria a dívida pública?

2. Os escritos de Schumpeter são tão vivos e significativos para nós hoje porque o mundo está redescobrendo a inevitabilidade dos ciclos econômicos. O grande John Maynard Keynes [1883-1946] falhou miseravelmente quando tentou colocar o *dragão* para dormir. Quando me pediram, na Cidade do México, para “escrever alguma coisa em alguns dias sobre Schumpeter”, eu obedientemente visitei a biblioteca do Banco do México e peguei emprestado cópias de sua grande obra, incluindo *História da Análise Econômica*, o volume de 1260 páginas no qual Schumpeter trabalhou durante a última década de sua vida e deixou-o inacabado antes de morrer, que eu nunca leia nem que seja uma passada d’olhos. Folhee *História da Análise Econômica* no meu quarto

de hotel, no ônibus de imprensa acompanhando o presidente do México através de aldeias empoeiradas do Estado de Morelos, e nos voos entre a Cidade do México, St. Louis e Nova Iorque. A riqueza desse livro é impressionante. Depois de um tempo, eu passei a acreditar que Schumpeter era para a economia o que Alexander von Humboldt era para as Ciências da terra; *História da Análise Econômica* de Schumpeter era o equivalente em seu campo ao *Cosmos* de Humboldt. Diante de uma figura tão gigante e multifacetada, cuja personalidade e pensamento são interligados por laços complexos e inextricáveis, senti-me obrigado a limitar minha investigação drasticamente a fim de cumprir minha tarefa de escrever “alguma coisa sobre Schumpeter em poucos dias”. Espero que nossa apresentação de Schumpeter seja facilitada pelo excelente ensaio de Peter Drucker e pela publicação de algo pelo próprio Schumpeter. Assim, eu me concentrarei no contraste entre Schumpeter e Keynes e em alguns aspectos da vida e personalidade de Schumpeter.

3. **Schumpeter e Keynes.** No século anterior a 1914, duas grandes escolas dominaram o pensamento econômico ocidental, uma na Inglaterra e outra na Áustria. Posto que a Inglaterra era o grande centro da economia mundial daquela época, não é difícil explicar porque uma grande parte do pensamento econômico original foi desenvolvido lá. A Áustria, porém, era uma anomalia. Viena era um grande centro burocrático e intelectual, mas a “dupla-monarquia” do império Austro-Húngaro abraçou um incongruente poliglota de nações, povos e línguas. Não era um centro de inovação tecnológica ou empresarial. Ainda estava atrasada em muitos aspectos. Porém, o império sediado em Viena estava se recuperando. As ondas de empreendedorismo e inovação estavam se movimentando da Inglaterra, através da Alemanha, em direção ao sul e ao leste para as partes mais afastadas da Europa. Além disso, economistas alemães independentes juntaram-se em Viena para fugir da influência dominante da escola histórica de economia política de Gustav Schmoller, que dominou o ensino das universidades americanas até o final do século XIX da mesma maneira que Keynes prevaleceu nas universidades americanas nas décadas do pós-guerra. Enquanto Keynes só poderia ter sido produzido pela Inglaterra, mais especificamente pela Universidade de Cambridge, Schumpeter era um produto do

mundo agitado e poliglota da Europa Central, incerta sobre seus status e papel, comandada por uma política e economia com uma profunda sensação de risco permanente.

Peter Drucker afirma que Schumpeter e Keynes “não eram antagonistas”. Entretanto, Keynes acossou os passos de Schumpeter. Ofuscou os esforços do austríaco para ganhar fama e influência no mundo anglófono. Em 1934, a Harvard University Press publicou a tradução de Redvers Opie de *A Teoria do Desenvolvimento Econômico*, que tinha sido publicada na Alemanha mais de duas décadas antes (1912) e que alguns ainda consideram ser a grande obra de Schumpeter. Porém, essa publicação foi ofuscada pela aparição em 1936 de *A Teoria Geral do Emprego, Juros e Moeda*, de Keynes. Drucker relata que Schumpeter disse aos seus estudantes que o trabalho de Keynes tinha ultrapassado totalmente seus próprios escritos anteriores sobre a moeda, ajudando, assim, a expandir a influência de Keynes na América. Até então, Schumpeter estava profundamente envolvido na pesquisa e escrita de *Ciclos Econômicos*. Quando essa obra montanhosa de dois volumes foi publicada em 1939, estava irremediavelmente ultrapassada, pois a conversão de Harvard ao keynesianismo era praticamente universal. A maioria dos professores de Harvard tinha ido a Washington para trabalhar no New Deal do presidente Franklin Roosevelt (1933-45) sobre o qual Schumpeter guardou profundas desconfianças. O último trecho de *História da Análise Econômica* é um capítulo sobre Keynes, no qual Schumpeter chama *A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda*, “o maior sucesso literário de nossa época”. Praticamente todas as referências a Keynes em *Ciclos Econômicos* são críticas veladas, no estilo mais cortês possível. Comparado à prosa barroca e inflada de Schumpeter, que geram raios de luz que iluminam um campo escuro e ameaçador, Keynes é claro e elegante. O sistema econômico de Keynes era fechado e estático; o de Schumpeter, violento e irregular. De acordo com Schumpeter, a inovação era o motor dos ciclos econômicos, a causa de “tempestades de destruição criadora pela qual o capitalismo vive”. No entanto, Schumpeter não tem uma teoria explicando como e porque as inovações acontecem. Entretanto, nas palavras de Schumpeter, Keynes destruiu “o último pilar da disputa burguesa” em prol da poupança pessoal. Durante a década de 1930, Keynes fez com que fosse possível

justificar quase qualquer política para proporcionar e aumentar a propensão ao consumo. (Schumpeter, “O Manifesto Comunista,” *Journal of Political Economy*, Junho 1949, p. 199, citado por Arthur Smithies, “Schumpeter e Keynes,” 1950.) Porém, Schumpeter era perseguido tanto por Marx quanto por Keynes. Enquanto Schumpeter era seguro e incisivo – até mesmo profético – na sua crítica à Keynes, um de seus piores erros analíticos – em *Capitalismo, Socialismo e Democracia* – foi exagerar as possibilidades de expansão triunfante do socialismo por conta de sua “eficiência econômica superior”. As raízes desse erro ainda derivam da história e personalidade de Schumpeter.

**4. O estudioso romântico.** Depois da morte de Schumpeter em 1950, seu amigo e colega de Harvard, Arthur Smithies, encontrou entre seus papéis notas para um romance jamais escrito, *Ships in the fog*, (Navios na neblina). Lia-se nas notas:

*Mais importante que o país são as classes – mas ele não fez com lealdade subconsciente pertencida seja à sociedade, seja à classe econômica ou as profissões ou a organização mundial do comércio, tudo isso que providenciou casas confortáveis para todos que ele conhecia. Sim, o canto de sua mãe na sociedade foi também o seu enquanto ela viveu. E para o homem moderno, seu trabalho é tudo – tudo o que é deixado em muitos casos... fazer um trabalho eficiente sem objetivo, sem esperança... Sem família. Sem amigos reais. Sem mulher em cuja feminilidade possa se ancorar.*

Nascido na periferia do mundo capitalista, Schumpeter abraçou os princípios do capitalismo – de fato, ele os expandiu e os redefiniu – com o fervor de um recém convertido. Ao mesmo tempo, suas atividades eram extremamente variadas. Numa coluna da revista *Nemsweek*, um ex-aluno, Paul Samuelson, nos diz que “Schumpie” – como era conhecido em Harvard– “confessava ter três desejos na vida: ser o maior amante de Viena, o melhor cavaleiro da Europa, e o maior economista do mundo. Mas, infelizmente, ele costumava dizer modestamente, ‘o assento que herdei nunca foi do mais alto calibre’. Meio charlatão, meio esperto, Schumpeter foi a criança terrível da escola austríaca de economia. Conselheiro de finanças de uma princesa egípcia, dono de um estábulo de cavalos de raça, Ministro das Finanças da Áustria, Schumpeter olhava friamente para os prospectos da sociedade burguesa com a objetividade de quem viu o mundo feudal ruir em 1914”.

Na Cidade do México, Opie me disse que Schumpeter, em Viena, acusado pelos políticos da oposição de levar uma vida libertina quando era Ministro das Finanças em 1919. Contratou cavalo e carruagem para, de forma desafiadora, desfilarem ao redor da praça principal com duas das cortesãs mais famosas de Viena. Antes disso, ele tinha trabalhado como advogado no Egito (1907-1909), depois de passar vários meses na Inglaterra em 1906-1907 como um jovem cavalheiro moderno, visitando outros locais do país regularmente, frequentando Oxford e Cambridge e se casando com Gladys Ricarde Seaver, 12 anos mais velha, a linda e rica filha de um alto dignitário da Igreja da Inglaterra. No entanto, ambos fizeram seus votos de forma leviana e o casamento acabou em divórcio. Uma epidemia de febre interrompeu sua carreira no Egito, lançando-o no mundo acadêmico com o patrocínio e apoio de Eugen von Boehm-Bawerk, grande economista austríaco, que lhe ofereceu um posto temporário na Universidade de Czernowicz, a capital de uma província recém-adquirida (parte da Romênia antes de ser absorvida pela Rússia) no extremo oriente do império onde ele regularmente aparecia em encontros da faculdade em suas vestes de hipismo. Lutou um duelo de espada com o bibliotecário pelo direito de seus alunos pegarem livros emprestados. Dessa maneira, Schumpeter assumiu postura de aristocrata vienense, como ele ficou conhecido depois, correspondendo curiosamente aos fatos.

Schumpeter nasceu em 8 de fevereiro de 1883 na pequena cidade de Triesch, agora parte da República Tcheca, filho único de um fabricante de tecidos que morreu quando o futuro economista tinha quatro anos de idade. Sua mãe, filha de um físico, se casou seis anos depois com o general Sigismund von Keler, comandante do exército austro-húngaro em Viena, dando a seu filho a oportunidade de estudar entre os 10 e os 18 anos na Theresianum, uma escola exclusiva para filhos da aristocracia. Aos 23 anos, Schumpeter obteve seu doutorado em Direito Romano na Universidade de Viena, o único diploma que ele obteve. Um ano depois sua mãe divorciou do comandante. Durante sua fase dos 20 anos, que mais tarde ele chamou de “década sagrada da fertilidade” da maioria dos estudiosos, Schumpeter produziu dois livros, um tratado sobre economia clássica escrito no Egito e a *Teoria do Desenvolvimento Econômico* (1912), que lhe rendeu reputação internacional. Schumpeter acreditava que na sua “década da fertilidade” ele, como outros grandes economistas antes dele,

desenvolveu a visão básica do trabalho de sua vida, a ser enriquecida e encorpada por fatos e detalhes adquiridos nas décadas seguintes. Essa é uma declaração em tanto, dado os eventos cataclísmicos e imprevisíveis que a experiência posterior trazia: as duas grandes guerras; o colapso do império austro-húngaro; as hiperinflações após a Primeira Guerra Mundial na Europa Central, que desafiou Schumpeter como Ministro da Fazenda da Áustria; a Grande Depressão; a ascensão de Keynes com o New Deal do presidente Roosevelt nos EUA, que apagou a própria influência de Schumpeter; e a sua predição do triunfo do socialismo sobre o capitalismo continuamente enfraquecido pelas suas próprias conquistas, o que nunca se materializou. Olhando em retrospectiva para esses eventos da era antes de 1914, quando Schumpeter disse que tinha desenvolvido suas visões básicas como economista, é espantoso verificar como essa visão era pessoal e interiormente arraigada. Em 1906-1907 Schumpeter escreveu algumas notas para o British Museum, usadas quatro décadas depois na escrita de *História da Análise Econômica*. Enquanto sua visão básica foi desenvolvida no começo do século, Schumpeter inexoravelmente migrou da Áustria para os centros de poder e de atividade econômica— primeiro para a Inglaterra, depois para a Alemanha e América — para articular essa visão.

Como a criança terrível da escola austríaca de economia, Schumpeter poderia muito bem ter sido o sujeito da afirmação de Thomas Mann: “Ninguém pode ser interessante para sempre. Ou você morre de ser interessante ou você se torna mestre”. Com a mistura característica da época de “ciência” e romantismo, Schumpeter tinha a mesma vocação para o gigantismo e as estruturas intelectuais complexas dos românticos alemães e, também, de solidão. A companhia de Schumpeter era seus colegas e estudantes de Harvard. Pela leitura de alguns de seus escritos mais íntimos, que nunca tiveram a intenção de serem publicados, Schumpeter parece ter morrido como um homem solitário. No entanto, os volumes de memória dessa época de sua morte em 1950, e de três décadas depois, mostram o quanto ele era amado e respeitado por grandes homens.

No final de sua vida, ele recebeu algumas das maiores honras que seus colegas poderiam conceber: fundador e presidente da Sociedade de Econometria; presidente da Associação Americana de Economia, e presidente eleito da Associação

Internacional de Economia na época de sua morte. Seu apetite por triunfo o fez um homem empenhado. Suas frustrações no casamento fizeram com que ele se empenhasse ainda mais. Comprometido com sua primeira esposa até 1920, depois ele se casou com a linda filha da empregada de sua mãe – 21 anos mais nova do que ele – que morreu ao dar à luz após um ano de casamento em 1926, mesmo ano em que sua mãe morreu. (Ele manteve o berço vazio de seu filho em seu quarto por vários anos). Na Universidade de Bonn, sua caseira era, também, secretária e amante, mas ele não pode levá-la consigo quando se mudou para Harvard em 1932. “Assim”, Smithies relembra, “ele viveu a vida de um romântico do *fin du siècle* com todo seu brilho e intensidade; ele convenceu seu amigo e, possivelmente, a si mesmo por um tempo, que aquilo era o que ele realmente queria. Sua vida pessoal conturbada e inadequada deve ter contribuído em parte para seus resultados científicos prodigiosos”. De acordo com Samuelson: “Uma das posturas de Schumpeter era que ele não trabalhava duro. Ele sempre tinha tempo para uma xícara de café no desqualificado Merle Café no campus de Harvard, e sempre com uma hora livre para ter paciência com os tolos... Schumpeter escrevia às noites e nos fins de semana. Ele era um homem possuído. Movido pela ambição da realização e pela tentação da fama acadêmica duradoura, Schumpeter estava sob a superfície da galanteria teatral que diariamente se avaliava – e diariamente encontrando-se em falta a si mesmo. Como seus padrões eram altos e suas aspirações insaciáveis, Schumpeter morreu cedo de excesso de trabalho. Quando a adrenalina está percorrendo permanentemente seu corpo e você entra em combustão 500 dias por ano, sobram proporcionalmente menos anos para viver. Sem dúvida foi uma barganha de Fausto, voluntariamente inserido no seu destino”.

**5. O dilema schumpeteriano.** Schumpeter defendeu de forma implacável a inevitabilidade dos ciclos econômicos, mas de maneira esperançosa, argumentando que o motor do sistema era a inovação, financiada pela geração de crédito, pela qual a vida econômica era continuamente renovada. As “tempestades de destruição criadora” que ele descrevia precisavam do desemprego. “Eu não acredito que o desemprego seja um daqueles males que, como a pobreza, possa ser eliminado pela



própria evolução capitalista,” Schumpeter escreveu em *Capitalismo, Socialismo e Democracia*. “Tampouco penso que a porcentagem de desemprego aumenta a longo prazo (...) A grande tragédia não é o desemprego em si mesmo, mas o desemprego e a impossibilidade de prover, de maneira razoável, as necessidades dos desempregados *sem agravar as condições do desenvolvimento econômico futuro* (itálicos do autor) (...) Na maioria dos países, o desemprego se manteve quase sempre em nível anormalmente elevado, inclusive antes de 1930 (...) [Desde então] a média de desemprego aumentou em consequência de uma política anticapitalista exagerada na década de 1930 que, por outro lado, insiste imediatamente na adoção de métodos economicamente irracionais de ajuda financeira ou em maneiras relaxadas e ruinosas de administrá-la.” Ele era fulminante contra Roosevelt e o New Deal. Schumpeter estava tão intelectualmente isolado em Harvard durante essa época que, quando questionado por uma mulher em um coquetel em 1944 se ele votaria em Roosevelt para um quarto mandato, ele replicou: “Minha cara senhora, se Hitler concorresse à Presidência e Stalin à vice-presidência, eu ficaria feliz em votar nessa chapa contra Roosevelt”.

O dilema de Schumpeter é que, enquanto agora nós estamos prontos para aceitar sua alegação de que os ciclos econômicos são inevitáveis, os efeitos do desemprego são mais propensos a serem muito mais severos, pois a população dos países industriais está muito mais urbanizada do que na época da Grande Depressão, fazendo com que os governos sejam muito mais suscetíveis a pressões políticas para medidas anticíclicas que diluem os efeitos saudáveis dos ciclos econômicos.

6. Uma vez que se começa, é difícil parar de escrever sobre Schumpeter. Eu coloquei aqui o que achei mais fascinante e importante. Eu paro aqui porque continuar a partir desse ponto seria contra produtivo. Caso haja outras facetas que você gostaria que eu explorasse, favor avisar.

